

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

ÉTICA E CULTURA DA MÍDIA: ANÁLISE DO FILME “O LEITOR”

Bolsista: Kethleen Guerreiro Rebêlo, Fapeam

PARINTINS
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB-SA/0123/2014
ÉTICA E CULTURA DA MÍDIA: ANÁLISE DO FILME “O LEITOR”

Bolsista: Kethleen Guerreiro Rebêlo, Fapeam
Orientador: Prof^ª Dr. Rafael Bellan Rodrigues de Souza

PARINTINS
2016

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, ao Grupo de Estudos Sociais Interdisciplinar do Baixo Amazonas e aos seus autores. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (Fapeam), através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, foi desenvolvida pelo Grupo de Estudos Sociais Interdisciplinar do Baixo Amazonas e se caracteriza como sub projeto do projeto de pesquisa Bibliotecas Digitais.

Ser jornalista é ter a ilusão de que se pode influir no mundo, denunciando, criticando ou simplesmente informando.

Clóvis Rossi

RESUMO

O presente trabalho visa analisar como são exibidas questões éticas e morais a partir de informações veiculadas na mídia, pondo em discussão a influência da cultura midiática na formação ideológica e moral do público. Como objeto de análise utilizaremos o filme “O leitor” (2008), dirigido por Stephen Daldry, para o desenvolvimento da referida pesquisa. O estudo que aqui se segue é uma análise fílmica que será realizada por meio de decupagem das cenas e posterior análise qualitativa, em que identificaremos como são expressas as condutas éticas e morais apresentadas no filme por meio das atitudes dos personagens. Para que seja possível realizar tal pesquisa, será utilizada como fundamentação teórica métodos de análise fílmica do autor André Ramos França. A referida teoria visa à decomposição e transcodificação do filme para que seja possível realizar uma discussão sobre o assunto abordado na película.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Midiática; Estudos Culturais; Cinema; Ética; Moral

ABSTRACT

This study aims to analyze how ethical and moral issues from reports in the media are displayed, putting into question the influence of media culture in the ideological and moral education of the public. As the object of analysis will use the film "The Reader" (2008), directed by Stephen Daldry, for developing this research. The study that follows here is a film analysis that will be performed by means of decoupage scenes and subsequent qualitative analysis, in which we identify as the ethical and moral conduct featured in the movie by the attitudes of the characters are expressed. In order to carry out such research, will be used as film analysis methods theoretical foundation of the author André Ramos France. That theory aims to decomposition and transcoding the movie so that you can hold a discussion on the subject addressed in the film.

KEYWORDS: media culture; Cultural Studies; Cinem; Ethics; Moral.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 REVISÃO LITERÁRIA.....	10
2.1 Estudos Culturais.....	11
2.1.1 Configuração do campo de estudo.....	11
2.1.2 Finalidade.....	13
2.2 Escola de Frankfurt.....	14
2.2.1 Conceito e criadores.....	14
2.2.2 Modelo de estudos culturais.....	16
2.3 Cultura Midiática.....	17
2.4 Cinema.....	19
2.4.1 Conceito.....	19
2.4.2 Cinema como cultura midiática.....	20
2.4.3 Cinema como objeto da cultura.....	21
2.5 Ética e Moral.....	23
2.5.1 Ética.....	24
2.5.2 Moral.....	26
3 METODOLOGIA.....	30
4 RESULTADOS FINAIS.....	32
4.1 O filme.....	32
4.2 Análises.....	33
5 CONCLUSÃO.....	39
6 REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

A cultura que a mídia veicula apresenta diversas informações que levam o indivíduo a construir suas visões de mundo acerca de suas inserções na sociedade. O cinema, assim como os outros meios de comunicação, também é responsável por essa constituição de cultura que é dada por meio da utilização de mecanismos que o indivíduo possui.

Trata-se de uma cultura da imagem, que explora a visão e a audição. Os vários meios de comunicação – rádio, cinema, televisão, música e impresso, como revistas, jornais e histórias em quadrinhos – privilegiam ora os meios visuais, ora os auditivos, ou então misturam os dois sentidos, jogando com uma gama de emoções, sentimentos e idéias (KELLNER, 2001, p. 9).

A produção midiática é dada para a massa respeitando as características dos meios nos quais serão veiculados, seguindo fórmulas, códigos e normas convencionais. Pode-se dizer que é uma forma de cultura comercial, onde seus produtos são mercadorias que além de tentar atrair o lucro privado, também tem o intuito de defender sistemas de ideias, proporcionando ao público alvo a possibilidade de conhecer, aprender, estudar e interpretar a cultura exibida.

O autor Douglas Kellner (2001) em sua obra “A cultura da mídia” diz que:

A cultura, em seu sentido mais amplo, é uma forma de atividade que implica alto grau de participação, na qual as pessoas criam sociedades e identidades. A cultura modela os indivíduos, evidenciando e cultivando suas potencialidades e capacidades de fala, ação e criatividade (p. 11).

Com base no que o autor afirma, podemos dizer que toda e qualquer cultura veiculada pelos meios de comunicação está minando a potencialidade e criatividade humana. Em meio a tanta reprodução de cultura, surgem as consequências de domínio de determinada cultura exibida pela mídia sobre a sociedade e sobre a cultura em geral.

Tal cultura veiculada molda a vida diária daquele consumidor, interferindo e influenciando no modo que pensam e até mesmo como se comportam; como vão construindo suas identidades a partir do que vêem e de como vêem os outros. Nesse caso, podemos observar como a forma em que a cultura contemporânea da mídia vai criando diferentes formatos de dominação ideológica contribuem significativamente nas relações de poder, do mesmo modo que contribuem no fornecimento instrumental para a construção de identidades e fortalecimento da resistência de pensamentos, visões e lutas.

Apontamentos dos Estudos Culturais afirmam que muitas são as formas dos indivíduos serem influenciados por meio da cultura veiculada pela mídia, pois as pessoas acabam buscando se identificar com as ideologias mostradas; procuram também tomar

posicionamentos acerca de determinados assuntos e são induzidos a identificar-se com representações sociais e políticas dominantes. Esses prazeres propiciados pela mídia e pelo consumo oferecem e seduzem o público, levando-o a identificar-se com certas opiniões, atitudes, sentimentos e disposições.

Todavia, o público pode resistir ao entendimento de significados e mensagens recebidas, principalmente ao criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se da cultura de massa ali exibida, isso se torna possível por meio dos recursos que a própria mídia oferece ao dar para o público a possibilidade de acatar ou rejeitar tal mensagem, esta irá interferir ou não na formação de seus entendimentos confrontando aos modelos dominantes propostos.

No entanto, entra-se em discussão quando se refere ao limite que a mídia deverá obedecer ao interferir e influenciar o público ao defender uma opinião. Kellner apresenta essa possibilidade quando diz que “a cultura veiculada pela mídia induz os indivíduos a conformar-se à organização vigente da sociedade, mas também lhes oferece recursos que podem fortalecê-los na oposição a essa mesma sociedade” (KELLNER, 2001, p. 11). E é a partir de então que o presente estudo ingressa em uma discussão acerca de assuntos sobre ética e moral exibidos no filme “O leitor”.

“O leitor” (lançado em dezembro de 2008) - no original em inglês: *The Reader* – é um filme do gênero drama, dirigido por Stephen Daldry. Em fevereiro de 2009, teve sua estreia no Brasil. A adaptação foi contemplada com inúmeras indicações a diversas categorias de importantes prêmios.

O filme “O leitor” exhibe o verão de Berlim, Alemanha, em 1958. Relato de um pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O longa apresenta a história de uma mulher madura que tem sua vida totalmente transformada após conhecer um adolescente, com metade de sua idade. Partindo do seguinte pressuposto, nasce o primeiro objeto de análise deste estudo, onde é abordado um assunto acerca da relação “proibida” do casal. Visto que, de acordo com os códigos de ética e as condutas morais da época (e atualmente também), essa relação enfrentaria uma proibição devido à imposição estabelecida pela sociedade, que avalia o envolvimento de um jovem e uma senhora com mais idade proibido.

Além de tratar de assuntos como a “relação proibida” de uma mulher madura com um rapaz com metade de sua idade, a película também aborda assuntos como nazismo e analfabetismo.

Nos reportamos ao autor Adolfo Sánchez Vázquez (2010) para falar sobre tal conduta, este diz que:

A ética estuda uma forma de comportamento humano que os homens julgam valioso e, além disto, obrigatório e inescapável. [...] A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é a ciência de uma forma específica de comportamento humano. (VÁZQUEZ, 2010, p. 22-23)

É importante destacar que a ética não pode ser confundida com a moral. A ética está fundamentada na obediência da prática das ações morais a partir da razão e; a moral se fundamenta na obediência de hábitos e costumes que são passados e recebidos. Compreende-se então que a ética não cria a moral.

Destacando a ética como ciência, pode-se dizer que “a ética parte de certo tipo de fatos visando descobrir-lhes os princípios gerais” (VÁZQUEZ, 2010, p. 23). Enquanto conhecimento específico, “a ética deve aspirar à racionalidade e objetividade mais completas e, ao mesmo tempo, deve proporcionar conhecimentos sistemáticos, metódicos e, no limite do possível, comprováveis” (VÁZQUEZ, 2010, p. 23).

Sendo assim, por meio dos Estudos Culturais e do estudo da Ética, a referida pesquisa buscou discutir de que forma as questões éticas e morais são exibidas pela cinematografia a partir do filme “O leitor”. Verificamos qual a influência na formação ideológica e moral do público; o papel da sétima arte na formação de opinião do receptor e a moral hegemônica que prevalece no filme. Analisamos também opiniões acerca de assuntos polêmicos que o filme apresenta. Como tais exibições influenciam no entendimento do público e se as cenas exibidas condizem com a realidade?

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para que o indivíduo construa suas identidades e visões de mundo, a cultura veiculada pela mídia fornece material - por meio de imagens, sons e etc. - que possuem a capacidade de modelar opiniões, comportamentos, ideologias e tudo o que é necessário para maquinar o desenvolvimento da vida cotidiana.

Produtos da indústria cultural fornecem inúmeros modelos que possibilitam a identificação do indivíduo com o que entendem sobre ser homem ou mulher, certo ou errado, poderoso ou imponente e etc. Tal cultura midiática também dispõe de modelos que permitem que as pessoas construam seus sentidos de classe, de nacionalidade, sexualidade, etnia, raça, dentre outros. Portanto, o rádio, a televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural ajudam a modelar a visão de mundo e os valores que definem o que é bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral na vida de quem consome esses produtos.

O seguinte capítulo ajuda-nos a compreender a cultura da mídia e as diversas formas que ela pode ser apreciada ou usada. Pretendemos oferecer possibilidades de compreensão em como interpretar e criticar a cultura veiculada pela mídia, avaliando também os seus efeitos. Por isso, esse estudo explora maneiras de como a cultura midiática cria suas formas de dominação ideológicas, que fornecem instrumental para a construção de identidades e fortalecimento, resistência e luta, e também ajuda a reiterar relações vigentes de poder e dominação.

É importante destacar que, somente com a capacidade de ler e criticar a mídia, é possível resistir ao seu poder de manipulação, aumentando assim a sua autonomia diante da cultura veiculada e fortalecendo-se no que se refere ao modo de conviver com esse ambiente cultural sedutor.

Nesse ambiente, insere-se o cinema, este por sua vez também dispõe de mecanismos para fornecer material que modulam opiniões, identidades, visões de mundo e tudo o que interfere no cotidiano de quem o consome. Em meio à isso, utilizamos o filme “O leitor” (2008) para mostrar como a cultura que vem sendo veiculada pela mídia manipula e constrói suas formas de dominação ideológica. No estudo, mostraremos a relação entre cultura da mídia e ética, bem como um debate sobre o papel do cinema na formação ideológica e moral do público.

Assim, acredita-se que para desenvolver o referido estudo cultural é, sem dúvida, necessário buscar o embasamento em uma teoria crítica da sociedade. Por conta disso, este capítulo apresenta o modo em que a teoria crítica da Escola de Frankfurt proporciona perspectivas sobre a sociedade e armas úteis de crítica para os estudos culturais. Ao falarmos da Escola de Frankfurt, apresentamos seus principais expoentes, suas limitações e as formas que as perspectivas sobre cultura e sociedade que são apresentadas pelos estudos culturais são desenvolvidas.

2.1 ESTUDOS CULTURAIS:

2.1.1 Configuração do campo de estudo

O primeiro modelo de estudo cultural foi inaugurado pela Escola de Frankfurt, por meio de estudos críticos de comunicação e cultura de massa. Na verdade, vários são os modelos de estudo cultural e há inúmeras tradições, estas vão desde os neomarxistas potencializados por Lukács, Gramsci, Bloch e a Escola de Frankfurt nos anos de 1930 até os

feministas e psicanalíticos. Estudos comprovam que há uma antiga tradição de estudo cultural na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos que antecedeu aos estudos da escola de Birmingham¹.

Em “Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências” a autora Ana Carolina Escosteguy (2008) apresenta uma narrativa sobre a formação dos estudos culturais:

O campo dos Estudos Culturais surge, de forma organizada, através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra. Inspirado na sua pesquisa, *The Uses of Literacy* (1957), Richard Hoggart funda em 1964 o Centro. Ele surge ligado ao English Department da Universidade de Birmingham, constituindo-se num centro de pesquisa de pós-graduação da mesma instituição. As relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais, vão compor o eixo principal de observação do CCCS. (p.152)

Nos anos 50, foram identificados como fontes dos estudos culturais: Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), Raymond Williams com *Culture and Society* (1958) e E. P. Thompson com *The Making of the English Working-class* (1963). A pesquisa de Hoggart divide-se em duas partes, a primeira em autobiografia e a segunda em história cultural do meio século XX. O referido autor trabalha com materiais culturais pertencentes a cultura popular e aos meios de comunicação de massa que, eram desprezados anteriormente pela metodologia qualitativa. A contribuição teórica de Williams apresenta um histórico do conceito de cultura, mostrando que esta é uma categoria-chave que tem possibilidade de conectar uma análise literária com investigação social. Já a contribuição de Thompson apresenta a reconstrução da história da sociedade inglesa a partir da história “dos de baixo”. Thompson e Williams entendiam que “cultura era uma rede vivida de práticas e relações que constituem a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano” (ESCOSTEGUY, 2008, 153).

Podemos dizer então que, os textos mencionados anteriormente contribuíram de forma significativa para a configuração dos Estudos Culturais. No entanto, a professora Ana Carolina Escosteguy, ressalta com Stuart Hall (1996) que:

Eles não foram, de forma alguma, ‘livros didáticos’ para a fundação de uma nova subdisciplina acadêmica: nada poderia estar mais distante de seu impulso intrínseco. Quer fossem históricos ou contemporâneos em seu foco, tais textos eram, eles próprios, focalizados pelas pressões imediatas do tempo e da sociedade na qual foram escritos, organizados através delas, além de serem elementos constituintes de respostas a essas pressões. (p.85)

¹ Primeiras tradições de estudos culturais nos Estados Unidos (Carey, 1989 e Aronowitz, 1993). Primeiras tradições de estudos culturais na Grã-Bretanha (ver Davics, no prelo).

Em suma, para apresentar a configuração do referido campo de estudo, buscou-se mostrar os principais atores, acompanhados de uma perspectiva da história. Pode-se observar que em várias localidades e em vários momentos foram identificados inúmeras origens acerca dos estudos culturais, o que acabou gerando a confluência de um conjunto particular de propostas e a existência de diferenças nacionais de outros exemplos de estudos culturais, porém, o presente trabalho fundamentou-se no modelo de estudo cultural inaugurado pela Escola de Frankfurt.

2.1.2 Finalidade

Os estudos culturais têm como principais tradições a combinação de teoria social, análise cultural, história, filosofia e intervenções políticas específicas, o que supera a divisão acadêmica convencional de um trabalho mais especializado que divide o campo do estudo da mídia, da cultura e das comunicações. Portanto, o estudo cultural “opera com uma concepção interdisciplinar que utiliza teoria social, economia, política, história, comunicação, teoria literária e cultural, filosofia e outros discursos teóricos” (KELLNER, 2001, p. 42).

Esse campo de investigação, cujo caráter é interdisciplinar, tem por finalidade explorar as diversas formas de produção ou criação de significados, também é responsável por difundir tais significados nas sociedades atuais. Desse modo, os estudos culturais não estão configurados como uma disciplina distinta, o referido estudo é formado por uma abordagem ampla dentro das disciplinas constituídas.

Também chamado de ramo das humanidades, os estudos culturais são particularmente fortes no mundo de fala inglesa, uma vez que obteve um desenvolvimento muito forte nos Estados Unidos a partir dos anos de 1960. Tal desenvolvimento deu-se por meio do surgimento do pós-modernismo, pós-colonialismo e multiculturalismo. Movimentos sociais como o Movimento Negro e a Segunda Onda do Feminismo também influenciaram para o forte desenvolvimento dos estudos culturais nos EUA.

A grande maioria das formas de estudo cultural e a maior parte da teoria crítica da sociedade agregaram as teorias multiculturais e o feminismo. Pesquisadores desse campo de estudo interessam-se por tais produções por tratarem de questões como ideologia, gênero, classe social, etnia, sexo, raça, sexualidade, dentre outras características que diferenciam os indivíduos uns dos outros, e por meio das quais as pessoas constroem suas identidades.

Como abordagem crítica Kellner (2001) fala que:

Os estudos culturais interdisciplinares, pois, recorrem a uma gama díspar de campos a fim de teorizar a complexidade e as contradições dos múltiplos efeitos de uma ampla variedade de formas de mídia/cultura/comunicações em nossa vida e demonstram como essas produções servem de instrumento de dominação, mas também oferecem recursos para a resistência e a mudança. (p. 46).

Apoiamo-nos dos estudos culturais para o desenvolvimento da presente pesquisa como abordagem crítica ao estudo da cultura e da sociedade, apresentando suas contribuições, bem como algumas de suas restrições.

2.2 ESCOLA DE FRANKFURT:

2.2.1 Conceito e criadores

A Escola de Frankfurt teve sua gênese por meio do grupo formado por quatro pensadores e cientistas sociais alemães: Theodor Adorno, Max Horkheimer, Erich Fromm e Herbert Marcuse. Dentre os criadores da pesquisa crítica em comunicação, também estão inseridos Walter Benjamin e Siegfried Kracauer. Entretanto, o conceito que acabou se tornando central para os estudos culturais e as análises de mídia, chamado de indústria cultural, foi criado por Adorno e Horkheimer. Os pensadores conceberam tal expressão “para indicar o processo de industrialização da cultura produzida para a massa e os imperativos comerciais que impeliam o sistema” (KELLNER, 2001, p. 44).

O autor, Jurgen Habermas, é considerado herdeiro espiritual dos fundadores e também ganhou o título de principal expoente da chamada segunda geração da Escola. O autor é lembrado nesse contexto por seu estudo, considerado clássico, e também por ser responsável pela ambiciosa tentativa de criar uma teoria geral da ação comunicativa.

É interessante destacar que nenhum dos pioneiros da Escola pertenceu ao campo da comunicação. Todos os pensadores e cientistas eram independentes, cujos interesses se estendiam por diversos campos do saber. O que os congregava era o projeto filosófico e político de formar uma ampla teoria crítica da sociedade.

Quanto ao que os pensadores frankfurtianos discutiam, o autor Francisco Rudiger (2008) diz que eles:

Tratavam de um leque de assuntos que compreendia desde os processos civilizadores modernos e o destino do ser humano na era técnica até a política, a arte, a música, a literatura e a vida cotidiana. Dentro desses temas e de forma original é que vieram a descobrir a crescente importância dos fenômenos de mídia e da cultura de mercado na formação do modo de vida contemporâneo. (p. 132)

Desse modo, é compreensível o motivo pelo qual os frankfurtianos se negaram a aceitar que os fenômenos de comunicação constituem objetos de ciência especializada ou que os mesmos podem ser estudados de maneira independente, afinal essa ideia também é defendida por muitos pensadores da área. As comunicações precisam ser estudadas à luz do processo histórico global da sociedade, para então adquirirem sentido em relação ao todo social, esse era o modo de ver dos pensadores.

Com o desenvolvimento do capitalismo no século XX, os frankfurtianos tinham como sua principal tarefa a recriação das ideias de como ver o homem, a cultura e a sociedade de um modo que fosse possível esclarecer as novas realidades que estavam surgindo. Para que isso pudesse se tornar possível, os intelectuais se sustentaram nas teses de Marx, Freud e Nietzsche, pois tais pensadores provocam uma profunda mudança na maneira que os indivíduos vêem os assuntos analisados.

Essa geração que conciliava a teoria com o comando do partido socialista, não possuía uma definição exata acerca do marxismo, segundo consta alguns estudos. Naquela época, o marxismo se tornou algo diferente de tudo que se preexistia, essa mudança deu-se pelo deslocamento dos temas e das preocupações da intelectualidade marxista. O marxismo ocidental passou então a não ser composto pelos engajados líderes políticos daquela época, pois passou a ser elaborada uma produção intelectual que, de certa forma, tinha como responsável o engajamento político do passado.

Desse modo, concebeu-se a Escola de Frankfurt, a qual, a partir do século XX, dedicou-se aos estudos dos problemas tradicionais do movimento operário, contextualizando o trabalho empírico e a análise teórica. Nesse contexto, o marxismo, para os pensadores frankfurtianos, acabou se tornando alvo de um movimento autorreflexivo, ocasionado pela perda de sua tradição intelectual. O professor Paulo Silvino Ribeiro (2010) em "A Escola de Frankfurt"; Brasil Escola" fala sobre a caracterização de tal autorreflexão:

O que será característico no marxismo ocidental é esta autorreflexão do que era, foi e seria futuramente o marxismo, com obras que trataram de temas como o "novo" papel do materialismo histórico, o conceito de história, a tomada da consciência de classe, a cultura, a arte, literatura, enfim, todos considerados como categorias e instrumentos para se pensar as transformações, a validade, as limitações, possíveis caminhos e leituras do marxismo diante da sociedade industrializada moderna. (p. 9)

Portanto, é importante destacar que é perceptível a pretensão dos frankfurtianos quanto ao marxismo. Estes não almejavam o papel de comentadores ou intérpretes do pensamento de Marx, os pensadores tinham como proposta a busca pelo marxismo como inspiração para suas análises acerca da sociedade contemporânea.

2.2.2 Modelo de Estudos Culturais

Desde os anos de 1930, como fora citado anteriormente, a Escola de Frankfurt inaugurou o estudo crítico da comunicação. Este modelo de estudo exigia que os teóricos críticos analisassem todas as produções culturais de massa dentro do contexto da produção industrial, pois a industrial cultural apresentava produtos com características dos outros fabricados em massa, são elas: transformação em mercadoria, padronização e massificação. Todavia, “os produtos das indústrias culturais tinham a função específica, porém, de legitimar ideologicamente as sociedades capitalistas existentes e de integrar os indivíduos nos quadros da cultura de massa e da sociedade” (KELLNER, 2001, p. 44).

Os pensadores frankfurtianos tem seu modelo de estudo cultural adotado por muitos estudiosos até a atualidade justamente por que em suas teorias acerca da indústria cultural e em suas críticas à cultura de massa, foram os pioneiros em realizar uma análise sistemática e a criticar a cultura e as comunicações de massa dentro da teoria crítica da sociedade. No mais, foram também os primeiros a dar importância do que chamavam “indústria cultural” dentro do que era reproduzido nas sociedades contemporâneas, haja vista que a cultura e as comunicações de massa ocupavam, naquela época, uma posição central entre as atividades de entretenimento, que se tornavam os principais agentes de socialização, que mediam a realidade política e por isso eram vistas (e ainda são) como importantes instituições das sociedades contemporâneas, que despertam efeitos econômicos, políticos, culturais e sociais nos indivíduos e na sociedade.

No entanto, estudiosos como Douglas Kellner, apontam restrições no modelo de estudo original da teoria crítica que requisitam uma reestruturação radical do modelo clássico de indústria cultural. As superações de tais limitações compreenderia:

Análise mais concreta da economia política da mídia e dos processos de produção da cultura; investigação mais empírica e histórica da construção da indústria da mídia e de sua interação com outras instituições sociais; mais estudos de recepção por parte do público e dos efeitos da mídia; e incorporação de novas teorias e métodos culturais numa teoria crítica reconstruída da cultura e da mídia. Cumulativamente, tal reconstrução do projeto clássico da Escola de Frankfurt atualizaria a teoria crítica da sociedade e sua atividade de crítica cultural ao incorporar os desenvolvimentos contemporâneos da teoria social e cultural nos esforços da teoria crítica. (p. 44-45)

Além da reestruturação sugerida por Kellner, o autor também questiona a posição da Escola de Frankfurt quando a mesma defende que toda cultura de massa é ideológica e aviltada, que tem como efeito a atração de uma massa passiva de consumidores. Ademais, compreendemos então, nesse caso, a necessidade de fazer a distinção entre codificar e

descodificar as produções da mídia, pois entende-se que o público desenvolve seus próprios significados e utilizam os produtos da indústria cultural de seu modo.

À vista disso, o referido trabalho possibilitou a compreensão da inquestionável abordagem da Escola de Frankfurt em oferecer tal modelo integral de estudo que transcende as divisões contemporâneas nos estudos de mídia, cultura e comunicações. O referido modelo de estudo dissecou a interconexão entre cultura e comunicação nas produções que mostravam a sociedade e apresentavam as normas práticas sociais e legitimavam a organização capitalista da sociedade, todos reproduzidos de forma positiva.

Portanto, podemos afirmar que a Escola de Frankfurt evidenciou a inadequação dos métodos quantitativos e sugeriu relações qualitativas para produzir métodos das relações entre textos, públicos e contextos, como também foi responsável pela produção de métodos para o relacionamento entre indústria da mídia, o Estado e as economias capitalistas. Ademais, o modelo de tal estudo que contextualiza comunicação e cultura foi integrado na teoria crítica da sociedade e acabou tonando-se um forte contribuinte para a teoria da sociedade contemporânea, pois comunicação e cultura desempenham um significativo e inquestionável papel.

2.3 CULTURA MIDIÁTICA

Para apresentar toda a gama de representações de identidade, dominação e resistência que constituem o terreno da cultura midiática, nos respaldamos com o uso das teorias marxistas de classe, dos conceitos feministas de sexo e das teorias multiculturalistas de raça, etnia, preferência sexual, etc. “As formas dessa cultura são intensamente políticas e ideológicas, e, por isso, quem deseje saber como ela incorpora posições políticas e exerce efeitos políticos deve aprender a ler cultura da mídia politicamente” (KELLNER, 2001, p. 76).

Por conseguinte, entendemos que para captar tal cultura não significa realizar uma leitura apenas no seu contexto sociopolítico e econômico, e sim observarmos de que maneira os componentes internos de seus textos codificam relações de dominação e poder, que acabam servindo para impulsionar os interesses dos grupos dominantes à custa dos outros, opondo-os às ideologias, instituições e práticas hegemônicas, ou para abarcar uma mistura contraditória de formas que promovem dominação e resistência.

À vista disso, concluímos que para ler politicamente a cultura da mídia significa, acima de tudo, analisar a forma em que seus códigos genéricos produzem efeitos políticos, observar em que conjuntura histórica está situada, verificar a posição dos observadores, suas

imagens dominantes, seus discursos e seus elementos estético-formais. Portanto, “ler politicamente a cultura também significa ver como as produções culturais da mídia reproduzem as lutas sociais existentes em suas imagens, seus espetáculos e sua narrativa” (KELLNER, 2001, p. 76).

Diversos produtos que são veiculados pela mídia apresentam inúmeras informações que proporcionam ao receptor a construção de suas visões de mundo acerca de suas inserções na sociedade. O cinema, assim como os demais meios de comunicação, também tem por finalidade contribuir para tal constituição de cultura que é desenvolvida pelo indivíduo por meio da utilização de mecanismos que o mesmo possui.

Desde os anos de 1970 até a atualidade, os filmes são usados pela mídia para exibir o campo de batalha formado por grupos sociais em competição, cada produção defendendo seus respectivos lados, sejam liberais/radicais ou conservadores. De certo modo, podemos dizer então que, na cultura midiática existe uma batalha entre representações que exibem as lutas sociais existentes e transcodificam discursos políticos. E é a partir de então que nos apropriamos dos estudos culturais para examinar os efeitos dessa cultura veiculada pela mídia, para que se torne possível analisar como o público está se apropriando dela e vem utilizando-a, além da forma em que as imagens, figuras e discursos da mídia funcionam dentro da cultura em geral.

A cultura da mídia, assim como os discursos políticos, ajuda a estabelecer a hegemonia de determinados grupos e projetos políticos. Produz representações que tentam induzir anuência a certas posições políticas, levando os membros da sociedade a ver em certas ideologias “o modo como as coisas são” (ou seja, governo demais é ruim, redução da regulação governamental e mercado livre são coisas boas, a proteção do país exige intensa militarização e uma política externa agressiva, etc.) os textos culturais populares naturalizam essas posições e, assim, ajudam a mobilizar o consentimento às posições políticas hegemônicas. (KELLNER, 2001, p. 81).

Pensamos então na discussão acerca de hegemonia, sob a qual não podemos deixar de resgatar os estudos de Antônio Gramsci – teórico marxista que mais insistiu nesse conceito. Demais autores que estudam este conceito também são imprescindíveis para apreensão do termo.

O termo hegemonia deriva do grego *eghestai*, que significa “conduzir”, “ser guia”, “ser líder”; [...] Por *eghemonia*, o antigo grego entendia a direção suprema do exército. Trata-se, portanto, de um termo militar. Hegemônico era o chefe militar, o guia e também o comandante do exército. [...] (GRUPPI, 1978, p. 01).

Percebemos então que o termo hegemonia refere-se às questões de poder, onde um grupo menor dá direcionamento para os demais. Já Gramsci, entende a hegemonia de forma orgânica dentro do contexto social.

O conceito de hegemonia é apresentado por Gramsci em toda sua amplitude, isto é, como algo que opera não apenas sobre a estrutura econômica e sobre a organização política da sociedade, mas também sobre o modo de pensar, sobre as orientações ideológicas e inclusive sobre o modo de conhecer (GRUPPI, 1978, p. 03).

Quando falamos de hegemonia, automaticamente compreendemos que estamos nos referindo a luta de classes. Diferente da dinâmica conferida por grupos seletos em impor direcionamentos aos grupos maiores, o que vemos atualmente é a superação de alguns paradigmas impostos pela classe dominante, o que chamamos de contra-hegemonia.

Para Dantas (2008, p. 91) tratar sobre hegemonia e contra-hegemonia “é pensar no antagonismo entre as classes sociais que, a partir de sua posição dominante ou subalterna no interior da sociedade e do Estado de classes, exercem, sofrem e disputam permanentemente o poder”.

Quando falamos em hegemonia entendemos que esta está ligada ao campo da comunicação e, portanto, da cultura midiática. Podemos assegurar a seguinte afirmação devido à comunicação ser um dos meios principais que mantem a superioridade de classes dominantes, bem como ser responsáveis pelos direcionamentos morais, intelectuais e culturais da sociedade.

A atuação dos meios de comunicação se dá através de vários mecanismos, dentre os quais podemos destacar: a difusão de normas culturais e ideológicas convenientes à manutenção do sistema capitalista; a legitimação da estrutura dominante através de uma abordagem “natural” da mesma [...]; seu papel conservador que perpetua [...] as relações de produção e as relações sociais; a própria construção da percepção da realidade pela sociedade, através das informações veiculadas (RUMMERT, 1986, p.133).

À vista disso, compreendemos que os meios de comunicação atuam com a intenção não apenas de comunicar, informar ou entreter, e sim tem a intenção de servir a supremacia: a hegemonia, o que a faz aparelho da mesma. Dessa forma, a classe dominante, através dos meios de comunicação alcança a possibilidade de planejar e pôr em prática suas estratégias de domínio, mantendo assim a direção da sociedade por meio de suas ideologias.

2.4 CINEMA

2.4.1 Conceito

De forma simples, objetiva e técnica, podemos dizer que cinema são quadros sucessivos ou tecnologias que se reproduzem em uma tela e, acabam possibilitando ao telespectador a ideia de imagens que se movem. Os filmes são produzidos por meio de

gravação de imagens, em que são utilizadas técnicas de animação ou efeitos visuais específicos.

O primeiro equipamento que fora utilizado para filmar e projetar imagens é chamado de “cinematógrafo” e, a partir do nome do referido aparelho deu-se origem a palavra “cinema”. A palavra também se refere à sala onde são projetadas obras cinematográficas. Portanto, pode-se afirmar que a existência do cinema dá-se pela invenção do cinematógrafo que foi desenvolvido pelos irmãos Lumière, no fim do século XIX.

A primeira exibição pública e paga do cinema foi realizada pelos irmãos no dia 28 de dezembro de 1895, na cave do *Grand Café*, em Paris. Na ocasião, foram exibidas uma série de dez filmes, que variavam entre 40 e 50 segundos cada. Entre os filmes exibidos destacam-se “A saída dos operários da Fábrica Lumière” e “A chegada do trem à Estação Ciotat”, cujos títulos traduzem de forma significativa seus conteúdos. Apesar de existirem informações acerca de outras projeções anteriores de filmes, com outros inventores, a sessão dos irmãos Lumière é aceita como marco inicial da nova arte pela grande maioria da literatura cinematográfica. A partir de então, os irmãos Lumière passaram a enviar cinegrafistas por todo o mundo para captar imagens e expandir o cinema pela França, Europa e Estados Unidos.

2.4.2 Cinema como cultura midiática

Entende-se que o cinema ocupa um lugar central para a compreensão da história do século passado. Os filmes, por sua vez, também são responsáveis pela compreensão de como as classes dominantes e outras instituições utilizam seus poderes para difundirem ideias e comportamentos nos meios de comunicação para manipulação de acontecimentos, estruturas, fatos e construções de identidades ou visões de mundo.

O cinema tem a capacidade de imprimir formas, forjar e maquinar situações que contribuem para o funcionamento de um conjunto de crenças e ideias, tudo isso ao mesmo tempo. Com isso, os produtos da cinematografia acabam sendo poderosos formadores e deformadores de opiniões.

A sétima arte vem despertando um grande interesse em pesquisadores de diversas áreas de conhecimento que entendem as imagens cinematográficas como uma fonte valiosa de compreensão das complexidades do mundo contemporâneo. Esses pesquisadores buscam ler politicamente a cultura por meio dos filmes que reproduzem as lutas sociais existentes. Para Douglas Kellner, o cinema revela o modo como as lutas sociais e políticas são expressas.

Partimos então do pressuposto de que existe uma cultura veiculada pela mídia, onde suas imagens, sons e espetáculos fornecem meios para tecer as teias que envolvem a vida cotidiana do indivíduo, o que acaba exercendo um grande poder de controle sobre o tempo de lazer de cada um, o que acaba modelando opiniões, comportamentos e fornecem material para forjar identidades.

Com o objetivo de gerar grande audiência, a cultura da mídia deve ser eco de assuntos e preocupações atuais. A influência e manipulação que a mesma possui na vida do indivíduo está cada vez maior, portanto, a cultura veiculada pela mídia acaba induzindo os indivíduos a conformar-se com a organização vigente da sociedade. Entretanto, em algumas situações ela também pode fornecer recursos que podem fortalecê-los na oposição e resistência a essa mesma sociedade.

2.4.3 Cinema como objeto de cultura

O cinema enquanto produto cultural tem o poder de refletir e afetar todos aqueles que o consomem. Além de entreter, é uma arte poderosa de educar ou doutrinar opiniões, também é um método eficaz de influenciar seus telespectadores. E é por meio de suas imagens animadas, cobertas de efeitos visuais espetaculares que este detém o poder de comunicação universal. Os filmes tornaram-se populares através das dublagens e legendas que são responsáveis pela tradução dos diálogos e informações dos filmes em diversas línguas.

O autor Sidney Ferreira Leite em “O cinema manipula a realidade?” diz que:

O filme é antes de tudo a soma de técnicas e de linguagens que têm como produto uma versão da realidade. Como sustentam diversos teóricos sobre o tema: o cinema é o aperfeiçoamento da pintura e da fotografia. A sétima arte criou a ilusão de uma arte objetiva, neutra, na qual o homem não interfere, pois o artefato mecânico elimina a intervenção humana e, supostamente, assegura a objetividade. (p. 15)

Tendo em vista o que fora exposto até o momento, o estudo apresentado mostra que o cinema não proporciona o registro objetivo da realidade, pois as imagens exibidas são resultados das escolhas de seus diretores e cineastas e que, as referidas escolhas são condicionadas de acordo com seus interesses, crenças, valores, preconceitos e convenções. Portanto, as imagens acabam sendo influenciadas pela subjetividade de seus pensadores.

Antes que as primeiras técnicas de manipulação da realidade surgissem no cinema, os espectadores tinham a impressão de assistir uma peça de teatro, pois as tomadas eram similares, por isso o cinema era considerado um instrumento técnico a serviço do teatro, o que resultava na não potencialidade da linguagem cinematográfica, uma vez que não eram aproveitadas em sua plenitude.

Nos dias atuais, nos deparamos com uma mudança significativa. Os diretores passaram a utilizar o processo de sistematização dos elementos básicos da linguagem cinematográfica, o que fez com que delineassem o campo específico de expressão. Os primeiros elementos estéticos da sétima arte foram desempenhados pelo cineasta norte-americano, David Wark Griffith. Este foi o pioneiro na realização de determinados procedimentos que dão possibilidade de construir uma linguagem cinematográfica. O cineasta conseguiu sintetizar em um filme as possibilidades que o cinema dispõe por meio de suas imagens, Griffith utilizou de *closes*, *travellings*, cortes e de *flash-backs* para contar uma história.

Por conseguinte, deu-se a libertação do cinema da cena teatral, o início da exploração de uma linguagem propriamente cinematográfica. E foi a partir de então que o cinema libertou-se do espaço real, a estrutura e a confecção dos filmes passaram a ser mais elaboradas e assim os indivíduos começaram a consumir esse produto da cultura que passou a ter o poder de construir e destruir contextos e realidades.

No entanto, com a possibilidade adquirida pelo cinema de construir e desconstruir contextos e realidades, seus criadores começaram a interferir de forma mais direta no entendimento e interpretação do público consumidor de seus produtos. Desse modo, passa-se a afirmar que o produtor de cinema, ao ter o poder de influenciar no resultado do produto (filme), possui também autonomia e subsídios para delimitar a maneira em que assuntos polêmicos - orientação sexual e religiosidade, por exemplo - serão exibidos no filme. Ou ainda, delimitar a melhor maneira de apresentar para o público qual a sua opinião sobre a forma que a sociedade vê o envolvimento de uma mulher com um garoto que possui metade de sua idade – assunto abordado no filme analisado, por exemplo.

Stella Senra (1997) em “O Último Jornalista: Imagens de cinema” destaca a capacidade das imagens cinematográficas:

... a capacidade do cinema de criar imagens com existência autônoma e de poder registrá-las, reproduzi-las e conservá-las, confere a esta forma de representação um poder inusitado: o de gerar e manter vivas todas as suas construções, até mesmo aquelas cuja correspondência com as figuras da prática cotidiana o tempo já se encarregou de anular (p. 13).

Em meio a tal capacidade, buscamos abordar por meio do referido estudo cultural, os subsídios que o produtor de cinema dispõe e toda a aptidão que as imagens cinematográficas possuem na influência do entendimento do telespectador acerca dos assuntos exibidos. Utilizamos o filme “O leitor” para verificar como este exhibe assuntos polêmicos e a forma em

que é executado e discutido assuntos éticos e morais que são abordados em grande parte das cenas que o filme apresenta.

Portanto, o estudo da cultura da mídia aparece na referida análise com a necessidade de mostrar o cinema enquanto avaliador e delimitador do comportamento moral dos espectadores, a reflexão que este causa por meio dos filmes exibidos podem ser recebidos e caracterizados de forma como espetáculo, narração, linguagem e manipulação, como bem diz Sidney Ferreira Leite em “O cinema manipula a realidade?” (2003). O autor ainda diz que os filmes refletem manipulação de: realidade social, política, economia e ideologia.

Ao falarmos sobre o limite na influência que o produtor de cinema pode utilizar na construção das mensagens de seus produtos (filmes), é impossível não levantarmos uma discussão ética sobre tal assunto. Para isso, no capítulo a seguir, será abordado essa limitação que deveria (ou deve) ser obedecida pela mídia na construção de mensagens que serão oferecidas ao público consumidor e, conseqüentemente, interferirão de forma significativa em seus entendimentos.

2.5 ÉTICA E MORAL

O presente trabalho busca a realização de um estudo que apresente uma discussão no que se refere ao limite que a mídia deve obedecer ao interferir e influenciar o público ao defender uma opinião. Vimos nas discussões até aqui apresentadas que assim como todos os meios de comunicação, o cinema também dispõe de ferramentas e mecanismos que dão ao público a possibilidade de acatar ou rejeitar as informações exibidas por meio de suas imagens.

Ivana Bentes (2007) confirma essa autonomia descrevendo em sua obra “Ecos do cinema: de Lumière ao digital” os aspectos que são abordados pelos responsáveis pela construção de um filme:

(...) Dois aspectos – o do saber tecnocientífico e o do prazer popular – vão confluir para o fazer do cinema um instrumento de poder no interior de um extensivo dispositivo estético-político e, em particular, um meio poderoso de contar histórias, basicamente inventadas (p. 29).

A cinematografia dispõe de ferramentas para formar opiniões a um conceito positivo em relação a qualquer assunto exibido. Por este motivo, independentemente de qual abordagem que for dada a qualquer figura ou situação exibida, o produtor consegue alcançar sua intenção, nesse caso a representação sobre ética e moral, seja ela positiva ou negativa.

Portanto, para o desenvolvimento de tal discussão, a pesquisa buscou realizar uma análise fílmica que apresentasse a forma com que as mensagens veiculadas na mídia, mais

precisamente no cinema, por meio do filme “O leitor” (2008) exibem questões éticas e morais.

2.5.1 ÉTICA

Não é possível iniciar uma discussão sobre ética sem falar da ideia de que a ética tem raízes no fato da moral em virtude do sistema de regulamentação das relações entre os indivíduos e sociedade. Também não pretendemos defender que a ética é, mais do que uma teoria da moral, é um conjunto de códigos de normas.

Iniciamos este capítulo afirmando apenas que “a ética pode contribuir para fundamentar ou justificar certa forma de comportamento moral” (VÁZQUEZ, p. 20), porém ambas são conceituadas de forma distintas e não podem ser confundidas. Entendemos então que a ética nos dá a possibilidade de revelar uma relação entre um comportamento moral, pois ela nos ajuda a situar a moral efetiva e real de um grupo social que pretende ter seus princípios e normas como validade universal, levando assim em consideração seus interesses concretos.

Ao definir - no campo da ética - o que é bom, costuma-se reduzir aquilo que satisfaz o interesse pessoal e exclusivo do indivíduo, o que acaba influenciando na prática da moral ao rejeitar este comportamento egoísta que, moralmente não tem validade. Diferentemente do que muitas éticas tradicionais defendem ao dizer que a missão do teórico da ética é mostrar aos indivíduos o que devem fazer e como devem agir, apresentando-lhes normas ou princípios para pautar seus comportamentos, buscamos mostrar que o ético passa por um processo de transformação, este passa por uma espécie de legislador do comportamento moral das pessoas e da sociedade.

Função da ética

Assim como toda teoria, a ética também dispõe de uma função específica, esta se destaca na possibilidade de: “explicar, esclarecer ou investigar uma determinada realidade, elaborando os conceitos correspondentes. Por outro lado, a realidade moral varia historicamente e, com ela, variam os seus princípios e as suas normas” (VÁZQUEZ, p. 20). A função da referida teoria é apresentada de forma que o comportamento do homem seja totalmente ligado e interferido.

A ética é teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamento dos homens, o da moral, considerado porém na sua totalidade, diversidade e variedade. O que nela se afirme sobre

a natureza ou fundamento das normas morais deve valer para a moral da sociedade grega, ou para a moral que vigora de fato numa comunidade humana moderna. É isso que assegura o seu caráter teórico e evita sua redução a uma disciplina normativa ou pragmática. O valor da ética como teoria está naquilo que explica, e não no fato de prescrever ou recomendar com vistas à ação em situações concretas. (VÁZQUEZ, p. 21).

Cabe à ética explicar o estudo do comportamento moral e da moral efetiva em todas as suas manifestações, é a ética que também apresenta esta conduta como uma forma de comportamento humano, o que acaba tomando a prática moral da humanidade como seu objeto de análise e reflexão. Em vista disso, a ética vai além de uma simples descrição, ela tem a responsabilidade de explicar aquilo que foi ou é. Porém, assim como as demais ciências, a ética se defronta com fatos, como fora falado anteriormente, a ética estuda a forma de comportamento humano que o indivíduo considera valioso, além de obrigatório e inescapável, de certa forma.

Definição da ética

Iniciamos a tentativa de definir a ética afirmando que esta não cria a moral. A referida afirmação parte do pressuposto de que, por mais que a moral supõe determinadas normas, princípios e regras de comportamentos dentro de uma comunidade, estes não são estabelecidos pela ética.

A ética depara com uma experiência histórico-social no terreno da moral, ou seja, com uma série de práticas morais já em vigor e, partindo delas, procura determinar a essência da moral, sua origem, as condições objetivas e subjetivas do ato moral, as fontes da avaliação moral, a natureza e a função dos juízos morais, os critérios de justificação destes juízos e o princípio que rege a mudança e a sucessão de diferentes sistemas morais. (VÁZQUEZ, p. 22).

Portanto, com base em Vázquez (2008) definimos a ética como a *teoria ou ciência do comportamento moral dos indivíduos em sociedade*, em outras palavras, podemos dizer que é a ciência de uma forma específica de comportamento dos homens. A seguinte definição, de cunho científico, objetiva corresponder à necessidade dos problemas morais. A ética dispõe de um objeto próprio, a moral. Tal objeto é constituído pelos fatos e atos humanos.

A origem da palavra ética vem do grego *ethos* que quer dizer “modo de ser” ou “caráter” enquanto forma de vida também adquirida ou conquistada pelo indivíduo. Sendo assim, o modo de comportamento que adquirido ou conquistado de forma habitual, e não assentado num modo de comportamento que é alcançado por meio de uma disposição natural.

Apesar do significado etimológico da palavra ética não fornecer o atual significado do termo, o mesmo nos possibilita a situar-nos no terreno humano que se funda o comportamento moral.

Destacamos então a ética de duas formas: como ciência, dizemos que “a ética parte de certo tipo de fatos visando descobrir-lhes os princípios gerais” (VÁZQUEZ, p. 23). Enquanto conhecimento específico, “a ética deve aspirar à racionalidade e objetividade mais completas e, ao mesmo tempo, deve proporcionar conhecimentos sistemáticos, metódicos e, no limite do possível, comprováveis” (VÁZQUEZ, p. 23).

2.5.2 MORAL

Origem e histórico

A palavra *moral* tem origem do latim *mos* ou *mores* e, significa “costume” ou “costumes”, o que se refere à costume ou costumes de conjunto de normas ou regras adquiridas por hábito. Nesse sentido, moral significa o comportamento ou modo de ser conquistado que o homem adquire.

A moral é um fato histórico por ser o modo de comportamento de um ser que por natureza é histórico também, ou seja, o homem. Entendemos portanto que, por mais que a ética, como ciência da moral, não tenha possibilidade de concebê-la de forma padronizada e que não sofra mutações, compreende-se então que, a ética pode considerar a moral como um aspecto da realidade humana que passa por diversas mudanças de acordo com o tempo.

Ao falarmos que a moral é mutável nos referimos ao fato dela moldar o comportamento de um ser que vive em constantes mudanças. O homem, por característica própria, está sempre se reproduzindo de maneira constante, tanto no que se refere a sua existência material, quanto na prática e em seu modo de vida espiritual, tudo isso incluindo-se diretamente na sua moral.

Vázquez (2008) diz que:

Ignorando-se o caráter histórico da moral, o que esta foi realmente, não mais se parte do fato da moral e cai-se necessariamente em concepções a-históricas da mesma. Dessa maneira, a origem da moral se situa fora da história, o que equivale a dizer – dado que o homem real, concreto, é um ser histórico – fora do próprio homem real. (p. 37)

Há portanto, três concepções apresentadas pelo autor de a-historicismo moral, que estão no campo da reflexão ética, são elas: *Deus como origem ou fonte da moral* – onde as normas morais são estabelecidas de um poder sobre-humano, ou seja, as raízes da moral não estariam no homem, e sim fora e acima dele; *A natureza como origem ou fonte da moral* –

esta se refere a uma conduta moral do homem que tem seu aspecto numa conduta natural, biológica, onde suas origens estão nos instintos encontrados não apenas naquilo que o homem é de forma natural, mas também nos animais; e *O homem (ou homem em geral) como origem e fonte da moral* – falamos aqui de um ser dotado de uma essência eterna e imutável. Sua moral consiste em uma maneira de ser que permanece padronizada mesmo com todas as mudanças históricas e sociais.

Nos deparamos com o surgimento da moral quando o indivíduo supera sua própria natureza instintiva e passa a adquirir uma natureza social, ou seja, quando se torna membro de uma coletividade. Por isso, a moral exige que o homem esteja em relação com os demais para que seja regulamentado seu comportamento como indivíduo e com a comunidade, e também que este tenha consciência de tal relação e assim, que possa se comportar de acordo com as normas que os governam.

Conceito de moral

Para tentar dar uma definição válida acerca da moral, partimos do fato de que existe uma série de morais concretas que se sucedem historicamente. É importante destacar que tal definição não abrange todos os elementos específicos de cada uma dessas morais históricas, mas procura expressar elementos que são essenciais para distingui-las das demais formas que o comportamento humano dispõe.

Dada a uma fórmula resumida, uma espécie de definição provisória da exposição da própria natureza da moral, Vázquez (2008) propõe como ponto de partida para tal definição que “*a moral é um conjunto de normas, aceitas livres e conscientemente, que regulam o comportamento individual e social dos homens*” (p.63).

Portanto, vimos que o autor define moral em dois lados, o primeiro fala de normas e o outro de comportamento. Em meio a isso, podemos afirmar que encontramos dois planos dentro da moral: o *normativo* e o *factual*, o primeiro constitui-se pelas normas e regras de ação que devem ser tomadas e o segundo que é constituído por determinados atos humanos que são realizados efetivamente, ou seja, esses atos são realizados de forma independente de como pensemos que deveriam ser.

Com base na discussão até aqui apresentada acerca da moral, podemos dizer que a esta possui uma qualidade social que, só pode ser manifestada em sociedade, cumprindo assim uma função determinada. Sustentamos tal afirmativa com base no que fora exposto sobre as mudanças radicais que ocorrem na estrutura social que acabam provocando mudanças fundamentais na própria moral.

Contudo, não podemos considerar a sociedade como algo que existe por si e em si, não se pode dizer que a sociedade se compõe independente dos indivíduos que nela estão inseridos. Pois, a sociedade não existe sem os homens, ela se compõe deles e não existe independente deles, assim como os indivíduos não existem fora da sociedade. O que varia é o comportamento individual do homem em cada sociedade: seu modo de trabalhar, de sentir, de relacionar-se e etc.

Com base nisso, Vázquez (2008) sustenta que:

Não tem cabimento substanciar a sociedade, ignorando que esta não existe sem os indivíduos concretos; e também não se pode fazer do indivíduo um absoluto, ignorando que por essência é um ser social. A moral, como forma de comportamento humano, possui também um caráter social, pois é característica de um ser que, inclusive no comportamento individual, comporta-se com um ser social. (p. 67)

Essa socialidade apresentada pelo autor pode ser vista em três aspectos fundamentais da qualidade social da moral: a) cada indivíduo, comportando-se moralmente, se sujeita a determinados princípios, valores ou normas morais, mesmo que estes indivíduos pertencerem a uma época ou a uma determinada comunidade humana diferente; b) o comportamento moral é tanto o comportamento individual do homem quanto o de grupos sociais, onde as ações são de cunho coletivo, porém deliberados de forma livre e consciente; c) as ideias, normas e relações sociais nascem e se desenvolvem em correspondência com uma necessidade social.

Portanto, com base em todos os levantamentos dos traços essenciais da moral expostos no presente capítulo, finalizamos com a definição que Vázquez (2008) apresenta: *A moral é um sistema de normas, princípios e valores, segundo a qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livre e conscientemente, por uma convicção íntima, e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal.* (p.84)

A realização da moral e o Cinema como fator de influência da moral

A vida econômica dos indivíduos inicia quando este passa a sentir prazer em obter bens materiais que satisfazem suas necessidades. O ser humano quer alimentar-se bem, vestir-se de acordo com o que está na moda, morar na melhor estrutura e etc. Essas mensagens são levadas pela mídia para a sociedade e acabam influenciando naquilo que ela entende por satisfação e felicidade. A cada dia, o ser humano quer ser rico, bem sucedido, andar de acordo

com o modismo atual, precisa ter um estereótipo que a mídia impõe para então que ele seja considerado feliz e bonito.

Porém, muitas são as influências que o indivíduo sofre. Este, por ser um ser social e portanto, pertencer a inúmeros grupos sociais - o primeiro deles, por exemplo, é o grupo família – acaba sentido tais influências de um modo ou de outro e de diferentes maneiras. O indivíduo também pertence a um Estado, organização política, jurídica e etc. que sujeita a sociedade ao poder dominante do Governo.

Além da produção material e das relações sociais que o homem constrói em uma sociedade, existe também na vida do indivíduo um conjunto de ideias dominantes de diversas ordens que o direcionam a seguir uma determinada opinião. Esses elementos contribuem para que o homem construa sua identidade, religião, ideologia e etc.

Deste modo, entendemos que o homem tem sua moral realizada de forma individual, construída por meio de verdadeiros agentes que são indivíduos reais. Mas, é importante destacar que o homem não age de forma individual, já que este é um ser social e a moral serve para interesses e necessidades para uma função social. A atividade moral do homem se desenvolve a partir de condições que determinam a realização de sua moral numa determinada sociedade. Tais condições, contribuem para a realização daquela moral, bem como as relações e as instituições que ele pertence, estas também estão relacionadas a três planos fundamentais: o econômico, político-social e o espiritual.

Portanto, a partir do debate levantado acerca da estrutura econômica, política e ideológica do indivíduo, podemos afirmar que o cinema acaba se tornando sim um fator significativo no que se refere a influência na prática da atividade moral do homem. É evidente que os meios de comunicação, com seus inúmeros interesses, acabam integrando-se num processo geral de mercantilização de suas mensagens. O cinema, por si próprio, conta com um público consumidor para assimilar a moral exibida por meio de seus produtos pseudoculturais, não deixando que o telespectador tome conhecimento de sua verdadeira natureza ideológica e moral daquilo que está sendo absorvido de forma espontânea e passiva. Essa moral assimilada apresenta as limitações humanas e morais de um homem alienado, sendo influenciado por uma moral negativa.

As características da influência que os meios de comunicação de massa possuem não se restringem somente ao conteúdo exibido, mas também a amplitude de sua difusão, o que acaba prejudicando o trabalho das empresas culturais e educativas que tanto fazem para a elevação da moral das pessoas.

Em vista disso, confirmamos que o intuito é a influência das ideias dominantes das instituições em interferir na vida espiritual do indivíduo, ou seja, na realização da moral. Sobre esse assunto, Vázquez (2008) diz que:

Do caráter destas ideias e da natureza do sistema que lhes dá vida e as fomenta depende: a) que o homem se limite a aceitar passivamente a moral difundida pelos meios de comunicação de massa, aceitando como virtudes queridas pelo consumidor destes produtos as virtudes necessárias a uma ordem econômica e social que o mantém na alienação; ou b) que o homem possa comportar-se como um verdadeiro ser moral, isto é, assumindo livre e conscientemente uma moral benéfica para a comunidade inteira. (p.232-233)

Deste modo, as relações, organizações e instituições que o indivíduo faz parte, influenciam em seu processo de moralização e realização da sua moral. Portanto, tudo o que este consome também vem a interferir em seus entendimentos, sendo filmes da cinematografia ou qualquer outro produto da indústria cultural. No capítulo a seguir, mostraremos algumas cenas do filme “O leitor” que foram analisadas e que exibem toda essa influência que acabamos de abordar, que mostram os meios de comunicação interferindo e influenciando para que os consumidores recebam suas mensagens de forma passiva e alienada.

3 METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido em duas etapas para que se tornasse possível a realização da análise fílmica. Utilizamos um método comparativo e qualitativo do autor André Ramos França. Iniciamos assistindo o filme apenas para identificar de que forma a cultura que a mídia veicula pode influenciar na interpretação do indivíduo. Ainda nessa etapa, acompanhamos como foram exibidos assuntos polêmicos e levantamos uma discussão sobre ética e moral que o filme exhibe. Vimos como foram retratados, de que formas tais abordagens influenciam no entendimento do público e vimos também se as exibições apresentadas condizem com a realidade.

Destacamos que, nos últimos tempos muito tem se falado sobre às teorias multiculturalistas de raça, etnia, preferência sexual, subalternidade e nacionalidade, estas se encaixam nas teorias da resistência críticas específicas a opressão. Na sétima arte não é diferente, notamos o aumento no índice de atenção que tais questões vêm ganhando, no filme “O leitor”, por exemplo, também são exibidas algumas das questões citadas, o que comprova que assim como os outros produtos midiáticos, a cinematografia também está adotando a exibição dessas teorias multiculturalistas.

Para uma melhor contextualização, assistimos outros filmes que também abordavam o tema principal deste projeto – expressões dos conflitos éticos e morais dos personagens dos filmes - justamente para diagnosticar como é transcodificada a ética e a moral nos produtos analisados, se elas condizem com que os autores utilizados na pesquisa defendem ou não.

Posteriormente, voltamos ao filme “O leitor” para identificar elementos que serviram para a análise final, nos reportamos para isso às discussões teóricas sobre ética. A princípio, identificamos como algumas atividades são vistas no ponto de vista ético, se as ações podem ser consideradas virtuosas ou viciosas, por exemplo.

Na terceira etapa, etapa das análises, selecionamos as cenas do filme em que assuntos de grande relevância e discussões acerca da ética e moral foram exibidos. Quantificamos todas as cenas para em seguida procedermos a análise qualitativa a partir dos estudos sobre ética e moral apresentados por Adolfo Sánchez Vázquez (2010). Na análise, identificamos como é expressa a conduta ética e moral apresentada no filme por meio das atitudes dos personagens.

O estudo foi realizado com o intuito de transcodificar o filme. A prática da análise se dividiu em duas etapas: primeiramente a decupagem e descrição, e em seguida, o estabelecimento da compreensão dos elementos que foram transcodificados.

Trata-se de uma análise crítica que objetivou avaliar o juízo de valor e visões de mundo que o filme exhibe. Esse tipo de análise entende o filme como um relato e, a partir da posse dos conteúdos sobre os estudos culturais, tornou-se possível a realização da pesquisa classificada como bibliográfica e qualitativa.

Entendemos que o cinema pode despertar no público diversos entendimentos, entre eles estão: a possibilidade de construção de uma nova visão de mundo, que possa libertar a sociedade das forças repressivas que a cerca; a possibilidade de proporcionar ao indivíduo uma reaproximação com o mundo e a realidade e; também a possibilidade de mostrar ao público informações mostradas discretamente, que no que diz respeito à análise fílmica, são de suma importância na composição da leitura do filme, da interpretação. Por isso, realizamos a referida pesquisa para mostrar um meio que mostre no filme a presença (ou não) de mensagens e discursos que exibem as ideologias hegemônicas e as contra-hegemônicas.

4 RESULTADOS FINAIS

4.1 O Filme

“O leitor” (lançado em dezembro de 2008) - no original em inglês: *The Reader* – é um filme do gênero drama, dirigido por Stephen Daldry. A película foi constituída com base no *best-seller* *Der Vorleser* (1995) - romance de ficção mais renomado do escritor alemão Bernhard Schlink, publicado em 39 idiomas. O roteirista David Hare foi o responsável pela adaptação para o cinema. Na cinematografia, a trama teve um número expressivo de bilheteria, alcançando aproximadamente 290.242 ingressos vendidos, em fevereiro de 2009, em sua estréia no Brasil. A adaptação também foi contemplada com inúmeras indicações a diversas categorias de importantes prêmios como o Oscar, Globo de Ouro, Festival de Cannes, European Film Awards, dentre outros. O filme teve entre as indicações a de melhor filme, melhor atriz, melhor diretor, melhor roteiro adaptado e melhor fotografia. Em meio às indicações, a atriz Kate Winslet, protagonista do filme, fora contemplada com diversas premiações, Globo de Ouro e Oscar de melhor atriz, por exemplo.

O filme “O leitor” exibe o verão de Berlim, Alemanha, em 1958. Relato de uma história em um pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A trama apresenta a história de uma mulher que tem sua vida transformada após conhecer um adolescente, com metade de sua idade.

O filme também apresenta uma vasta discussão referente a questões envolvendo os códigos de conduta humana, dos valores e crenças morais, que acabam se inserindo e delimitando o comportamento do indivíduo. O longa trata o acontecimento que envolve assuntos como guerra e nazismo que faz suscitar a discussão que envolve duas ordens, da moral e do legal, onde ambas apresentam distinção, porém imbricadas. Essa relação é necessária para que as leis não entrem em conflito com os costumes da sociedade.

Um dos aspectos exibidos no filme e importante a se destacar é o analfabetismo, o modo em que ele é abordado, e a capacidade que o indivíduo possui de se libertar, ainda que esteja em um presídio. A trama também exibe cenas que fica evidente a ética deontológica em detrimento de uma ética da virtude. Pois de acordo com a filosofia da moral, quando nos referimos a uma escolha que é moralmente necessária, proibida ou permitida, estamos nos reportando a esta teoria normativa chamada deontologia, termo este introduzido por Jeremy Bentham (1834) e fundamentada por Kant em dois conceitos de sustentação: a razão prática e a liberdade. Esta situação pode ser vista no momento em que o filme mostra cena que a

omissão de informações dos personagens mudam todo aquele roteiro clichê com filmes de “finais felizes”.

4.2 Análises

Análise I – Relação proibida

Iniciamos a decupagem do filme a partir das primeiras cenas que foram exibidas e, que apresentam questões éticas e morais.

O filme tem como personagens principais, Hanna Schmitz, uma mulher madura que trabalha como cobradora de cartões de passagem no transporte local que tem sua vida transformada após conhecer Michael Berg, um jovem estudante com metade de sua idade.

Os dois se conhecem em uma tarde chuvosa, onde Michael passa mal em plena rua e Hanna é quem presta socorro. Porém, o garoto acaba sendo assediado por esta. Dando início assim, por meio desse encontro casual, um romance ardente em pleno verão na Alemanha, durante o pós-segunda guerra.

A ligação dos amantes dá-se pelo prazer em preencher o vazio existencial vivido pelo casal, ora pelo descobrimento da relação sexual por ele ou pelas sessões de leitura por ela. A relação do casal respeitava um determinado ritual, Hanna estabelecia que Michael lesse para ela, posteriormente ela ia para cama com ele. A forte afinidade do casal vai tomando um lugar significativo na vida de ambos até que Hanna decide pôr um fim após compreender que o garoto precisa viver sua juventude, no entanto, a decisão de Hanna acaba marcando a vida de Michael, que não conseguiu superar o término do romance vivido em segredo.

Levantamos então as discussões acerca da ética e da moral centrada na relação proibida do casal, proibição essa também estabelecida pela sociedade e pelos códigos de ética e de conduta moral da época (e atualmente também). É importante destacar a atitude de Hanna que, em nenhum momento, coloca em questão se o fato de estar se envolvendo com o garoto é certo ou errado, concedendo ao espectador a possibilidade de questionar se ela está usando o sexo em benefício de seus próprios interesses, ou seja, se o sentimento em questão é real ou se o relacionamento se constrói a partir dessa troca.

Tal forma de comportamento humano é mostrada por Vázquez (2008):

A diferença do animal, o homem se encontra numa variedade de relações com o mundo exterior (transforma-o materialmente, conhece-o, contempla-o esteticamente etc.). Seu comportamento variado e diverso corresponde, por sua vez, à variedade e diversidade das suas necessidades especificamente humanas. O animal vive as suas relações com o mundo exterior segundo um repertório único e imutável; o homem, entretanto, ainda que nas fases mais

inferiores do seu desenvolvimento social comece com uma relação pobre e indiferenciada, na qual se confundem trabalho, arte, conhecimento e religião, enriquece aos poucos a sua conduta com vários modos de comportamento que, com o tempo, adquirem feições próprias e específicas. (p. 87)

Dentre as diversidades que há nas relações do homem com o mundo ou entre si, estão acarretadas também fatores que determinam essa relação, como economia, política, jurídica, moral e etc. Esse comportamento é diversificado de acordo com o objeto com o qual entra em contato, e que esteja também de acordo com o tipo de necessidade humana que o satisfaz (conhecer, produzir, comunicar-se, etc.).

A partir desse contato, Hanna passa a satisfazer-se da relação com Michael, que ora dá-se pelo prazer do sexo e ora pelas sessões de leituras. Percebe-se que a personagem passa a se encantar pelo conhecimento daquela cultura erudita, deixando para trás sua vida solitária e ignorante. Michael que, apesar da pouca idade, oferece para sua amada tal conhecimento literário.

É importante destacar que, em nenhum momento, o casal tem como obstáculo o fato de terem uma grande diferença de idade. Porém, quando Hanna percebe que estão muito envolvidos, sua real possibilidade de escolha, moralmente, passa a ser virtuosa e tomada por meio do sentimento de culpa, uma vez que a personagem resolve pôr um fim no romance, por achar que Michael deveria viver sua juventude. Hanna opta então por sofrer por um romance mal acabado, do que enfrentar aquela relação que, em seu ver, seria vivida em desvantagem pelo fato de Michael ser mais novo e também por achar que sofreriam preconceito, pois jamais poderiam ser visto juntos publicamente já que viviam uma “relação proibida”. Vale ressaltar que, tal proibição é estabelecida pela sociedade e pelos códigos de ética e de conduta moral da época (e atualmente também).

Análise II – Julgamento: Moral e Legal

Anos depois do término do relacionamento de Hanna e Michael, acontece o reencontro do casal. Nesta fase, Michael é estudante de Direito e acompanha um julgamento relacionado a um Holocausto em que Hanna faz parte do corpo de réus junto a outras ex-oficiais. A acusação das réus era referente ao assassinato de centenas de mulheres judaicas que estavam em campos de concentração, aos quais estas exerciam cargos de guardas e que eram responsáveis por permitir as mortes destas. Acusação 1: “Marcha da morte”: as guardas escolhiam quais das prisioneiras deveriam ou não permanecer nos campos ou então serem enviadas às câmaras de gás. Para Hanna, não havia outra possibilidade que a impedisse de

indicar as presas que tinham que ser mandadas a morte, ainda que buscasse exercer tal função estabelecendo seus próprios critérios, a guarda escolhia aquelas mais debilitadas e idosas a quem praticamente a morte já estava anunciada. Acusação 2: por terem permitido que todas as presas morressem em um incêndio após recusassem a soltá-las.

Destaca-se a forma em que o longa apresenta uma série de questões que estão relacionadas aos códigos de conduta humana, dos valores e crenças morais que acabam se inserindo no modo de pensar e relacionar-se de acordo com aquele momento histórico que era compartilhado socioculturalmente. Sendo assim, o filme aborda o campo da ética, baseado em reflexões desses códigos e também dos conjuntos de valores, tradições e costumes humanos.

Quando o filme propõe exibir o acontecimento histórico do Holocausto, entendemos que aquele episódio polêmico levantará discussões acerca de duas ordens: da moral e do legal, mesmo que as duas estejam atreladas, ambas apresentam distinções, pois as regras e leis são estabelecidas seguindo os valores morais, essa relação é necessária para que não haja choque entre as leis com os costumes de dada sociedade.

A forma de comportamento humano legal (direito) está relacionada intimamente com a moral, uma vez que os dois são estabelecidos por normas que determinam as relações dos homens. Moral e Legal tem suas características similares, porém, que se diferenciam em traços específicos. Vásquez (2008) aponta elementos para ambas as formas de comportamento:

O direito e a moral regulamentam as relações de uns homens com os outros por meio de normas; postulam, portanto, uma conduta obrigatória e devida (...). A moral e o direito mudam quando muda historicamente o conteúdo da sua função social (isto é, quando se opera uma mudança radical no sistema político-social). Por isto estas formas de comportamento humano têm caráter histórico. Assim como varia a moral de uma época para a outra, ou de uma sociedade para outra, varia também o direito. (p. 97)

Retornando ao filme e contextualizando o que fora exposto sobre moral e legal, entendemos que Hanna estava sendo acusada por permitir a morte daquelas mulheres, deixando que estas morressem presas naquele incêndio. Moralmente, Hanna deveria ter aberto a porta e salvado as judias, pois o indivíduo deve agir moralmente e cumprir sua função social, nesse caso, salvar aquelas milhares de mulheres. Legalmente, Hanna não podia deixar que aquelas mulheres fossem soltas, pois esta realizava sua função de guarda e seu dever a ser cumprido era justamente não permitir que aquelas mulheres fugissem.

No referido acontecimento do filme, podemos ver como a moral e o legal apesar de responderem a uma mesma necessidade social: que é regulamentar as relações dos homens

visando a garantir certa coesão social, percebemos que estas, quando mostradas e julgadas de uma época para outra tem seus direitos variados.

Análise III – Julgamento: buscando culpados

Dando continuidade a essa contraposição entre moral e legal, destacamos mais uma vez a atitude de Hanna que, por exercer o papel de espiã (guarda) para milhares de soldados alemães que participaram do massacre aos judeus acabou sendo julgada e condenada sozinha.

Vale lembrar que, como mostrado no filme, naquela época haviam milhares de campos de extermínio que pertenciam ao regime nazista na Europa, porém somente aquelas seis mulheres estavam em julgamento, e na vida real, poucos foram os soldados condenados. E esse julgamento e condenação só foi possível por causa da publicação do livro de uma judia que, juntamente com sua mãe, esteve presente na “Marcha da Morte”.

Isso pode ser visto no filme a partir da cena descrita a baixo, onde o professor Rohl (interpretado pelo ator Bruno Ganz) discute com seus alunos o assunto do seminário:

Rohl– As sociedades pensam que funcionam através de conceitos morais, mas não. Elas funcionam através de algo que se chama lei. Ninguém é culpado de nada só porque trabalhou em Auschwitz. 8000 pessoas trabalharam em Auschwitz. Exatamente 19 foram condenadas e somente 6 por homicídio. Para provar um homicídio tem que provar o dolo. Esta é a lei. A questão não é se foi errado, mas se foi dentro da lei. E não das leis atuais. Não. Das leis da época.

Aluno – Mas isso não é simplista?

Rohl – Oh, sim. A lei é simplista. Por outro lado desconfio de que pessoas que mataram outras pessoas tem consciência de que é errado.

Na referida cena, podemos ver um dos assuntos cruciais que permeiam acontecimentos como o do Holocausto, o fato de apenas seis mulheres estarem sendo julgadas por algo que milhares de pessoas também estavam envolvidas e; o fato de apenas um campo de concentração está tendo visibilidade, enquanto todos sabiam da existência de milhares deles. Outro fator impressionante a se destacar é a revolta do aluno perante a “impunidade” de alguns envolvidos naquele massacre, daquela dimensão, mas não tão impressionante perante a naturalidade de Hanna diante do julgamento.

Vasquéz (2008) explica essa diferença entre moral e legal da conduta de Hanna:

A moral e o direito possuem elementos comuns e mostram, por sua vez, diferenças essenciais, mas estas relações, que ao mesmo tempo possuem um caráter histórico, baseiam-se na natureza do direito como comportamento humano sancionado pelo Estado e na natureza da moral como comportamento que não exige esta sanção estatal e se

apoia exclusivamente na autoridade da comunidade, expressa em normas e acatada voluntariamente. (p.100-101)

Para a seguinte impressão na conduta de Hanna, há apenas uma justificativa, a personagem acreditava seguir um código de ética bem estabelecido e ela tinha por obrigação cumpri-lo. Porém, nenhum código é capaz de abarcar a realidade em sua totalidade, por isso, Hanna que antes estava amparada por seguir e obedecer determinado código, passa então a ser julgada por ter uma conduta que, ao passar dos anos, torna-se crime. Com isso, percebemos que, na verdade, a Alemanha estava apenas tentando condenar alguns envolvidos por uma culpa que pertencia a milhares de pessoas, entendemos que o país estava apenas tentando mostrar que estava julgando e punindo culpados.

Análise IV – Analfabetismo

Ao final do julgamento, após alegar a autoria de um documento descrevendo todos os acontecimentos e decisões tomadas no dia do incêndio, dentre as seis réis, Hanna acaba sendo a única condenada à prisão perpétua. Contudo, acontece na referida cena, a grande revelação do filme, a protagonista era analfabeta e, portanto, não teria como descrever e assinar tal documento.

A informação do analfabetismo de Hanna poderia ter mudado o veredito do juiz, no entanto, a referida informação fora subtraída pelos únicos que a detinham, Hanna e Michael. Ao retornarmos ao objetivo principal deste estudo, que é justamente analisar como os preceitos éticos e morais são mostrados no filme, podemos perceber que a personagem acaba escondendo seu analfabetismo por dois motivos: vergonha e culpa. Michael, por sua vez, acaba se sentindo impotente, prefere ficar calado e esconder a informação. Porém, o que acaba influenciando de forma significativa na decisão de Michael é a exposição de seu professor quando este diz: “ – *O que sentimos não é importante. É totalmente irrelevante. A questão é o que fazemos.*” (*O leitor, 2008, 75'05''*). A partir dessa fala, coloca-se em evidência a ética deontológica em detrimento de uma virtude.

Voltando a conduta de Hanna, em preferir esconder seu analfabetismo e ser condenada, percebemos que a personagem, na tentativa de criar sua própria existência no contexto de tal relação de poder, toma para si uma moral aberta, o que acaba determinando a qualificação axiológica do *bem* correspondente, bem como o tipo de valor atribuído aquele ato humano em questão.

No texto “Ética, Bioética: diálogos interdisciplinares” o autor Antonio Basílio Menezes (2006) fala sobre tal conduta:

A ética do indivíduo corresponde à conduta do fazer-se objeto de si mesmo no âmbito de produção da autonomia enquanto construção da própria vida. [...] Reinvenção constante do modo de ser, como criação de uma forma singular de vida, estruturada a partir da reflexão crítica da conjuntura, experimentada no nível das práticas e condutas, enquanto modo possível no contexto histórico-social. (p. 45-46)

Portanto, a partir da conduta tomada pela personagem Hanna, compreendemos que esta foi capaz de escolher, de abrir mão de sua própria liberdade para responsabilizar-se por um crime que, para ela, era menos vergonhoso do que o fato de ser analfabeta. Podemos dizer também que Hanna teve uma conduta virtuosa ao assumir sozinha a autoria do crime, por culpa talvez, deixando assim que as outras cinco réus pegassem uma pena menor.

Análise V – Liberdade na prisão

Hanna vai para o cárcere cumprir sua pena de prisão perpétua. Alguns anos depois, após ter cumprido muitos anos de sua condenação, Michael resolve estabelecer contato com sua amada por meio de leituras de livros que este gravava e as enviava através de fitas. Com o passar dos anos, Hanna se tornara uma senhora debilitada por causa da idade e, pela primeira vez toma uma atitude que mudará o resto de sua vida, aprender a ler.

Mesmo estando no final de sua vida Hanna acaba tomando uma postura ética, se disponibilizando assim a mudar a si própria e a seus pensamentos, sem medo de enfrentar os desafios que enfrentaria e decidiu então libertar-se.

Por meio do lema de Foucault, citado por Branco (2006) podemos compreender a conduta tomada por Hanna:

Na ontologia crítica do presente, mais que cuidar de si a vocação é se ultrapassar. Temos que nos recusar a ser o que somos, não podemos aceitar o que foi feito de nós, vamos nos inventar e fazer da nossa vida uma existência livre e bela, esse é o lema do último Foucault (p. 56)

Assim como Hanna encontra sua liberdade por meio do aprendizado da leitura, mesmo estando em um presídio. Anos depois da morte de Hanna, Michael também toma a decisão de libertar-se de seu passado, e resolve contar para sua filha o segredo daquele romance de sua juventude vivido com Hanna. Ao analisarmos as condutas mencionadas, mais uma vez nos reportamos a Foucault, pois este diz que apenas pelo diagnóstico do presente que podemos traçar perspectivas de futuro, transformando a história.

5 CONCLUSÃO

É comum vermos a cinematografia exibir assuntos polêmicos com o intuito de influenciar o entendimento e formar a opinião do público a partir do ponto de vista que a empresa ou o produtor de cinema adota, defende. Ainda que esses assuntos estejam sempre em evidência, e muitas vezes seja algo que já tenha sido discutido em outras situações ou outros veículos, o cinema também busca mostrar tais assuntos de maneira que nenhum outro meio de comunicação tenha apresentado, até pelas especificidades que o gênero dispõe.

Afirmamos então que o produtor de cinema, ao ter o poder de influenciar no resultado do produto (filme), possui também autonomia e subsídios para delimitar a maneira em que assuntos polêmicos - orientação sexual e religiosidade, por exemplo - serão exibidos no filme. Ou ainda, demarcar a melhor maneira de apresentar para o público qual a sua opinião sobre a forma que a sociedade vê o envolvimento de uma mulher com um garoto que possui metade de sua idade – assunto abordado no filme usado como objeto de estudo desta pesquisa.

Portanto, o cinema dispõe de ferramentas para formar opiniões a um conceito positivo em relação a qualquer assunto exibido. Sendo assim, independentemente de qual abordagem que for dada a qualquer figura ou situação exibida, o produtor consegue alcançar sua intenção, nesse caso, a evidência das formas de abordagens dos conflitos éticos e morais, apresentados no filme, seja ela positiva ou negativa.

Stella Senra (1997) em “O Último Jornalista: Imagens de cinema” destaca a capacidade das imagens cinematográficas:

A capacidade do cinema de criar imagens com existência autônoma e de poder registrá-las, reproduzi-las e conservá-las, confere a esta forma de representação um poder inusitado: o de gerar e manter vivas todas as suas construções, até mesmo aquelas cuja correspondência com as figuras da prática cotidiana o tempo já se encarregou de anular (p. 13).

Nesse trabalho, notamos as habilidades que o produtor de cinema dispõe e toda a capacidade que as imagens cinematográficas possuem na influência do entendimento do telespectador acerca dos assuntos exibidos.

Por isso, fez-se necessário o estudo da cultura da mídia, pois no que se refere ao cinema enquanto avaliador e delimitador do comportamento moral dos espectadores, a reflexão que este causa por meio dos filmes exibidos podem ser recebidos e caracterizados de forma como espetáculo, narração, linguagem e manipulação, como bem diz o autor Sidney Ferreira Leite (2003) em “O cinema manipula a realidade?”.

Portanto, a referida pesquisa buscou discutir de que forma as questões éticas e morais foram exibidas no filme “O leitor”, mostrando que para ter uma visão crítica sobre algo exposto, não é necessário evitar mensagens e imagens veiculadas pela mídia, e sim desenvolver a percepção das inúmeras expressões e códigos ideológicos que se fazem presentes nos produtos midiáticos, fazendo assim a distinção entre as imagens, textos, discursos e ideologias hegemônicas presentes.

6 REFERÊNCIAS

- ADOROCINEMA. **Os números de bilheterias, a cada semana, para o filme O Leitor.** Bilheteria Brasil. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-126664/bilheterias/>>. Acesso em: 12 de fev. 2014.
- BARROCO, Maria Lucia S. **Ética: fundamentos sócio-históricos.** São Paulo: Cortez, 2009.
- BENTES, Ivana. **Ecos do cinema: de Lumière ao digital.** Rio de Janeiro, 1964.
- COSTA, Caio Túlio. **Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória.** Rio de Janeiro, 2009.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo, 2011.
- FRANÇA, André Ramos. **Das teorias do cinema à análise fílmica.** Salvador, 2002.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia.** Bauru, SP: Edusc, 2001.
- LEITE, Sidney Ferreira. **O cinema manipula a realidade?.** São Paulo, 2003.
- SENRA, Stella. **O Último Jornalista: Imagens de cinema.** São Paulo, 1997.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética.** Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2010.
- DANTAS, Rodrigo. Ideologia, Hegemonia e Contra-hegemonia *In Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência /* organizador Eduardo Granja Coutinho. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- GRUPPI, Luciano. **Conceito de hegemonia em Gramsci.** Rio de Janeiro, Edições Graau, 1978.
- RUMMERT, Sonia Maria. **Os meios de comunicação de massa como aparelhos de hegemonia.** Rio de Janeiro, 1986.
- Branco, G. C. (2006). **Atualidade e Liberdade em Michel Foucault.** In: A. B. Menezes, *Ética , Bioética: diálogos interdisciplinares.* Natal: EDUFRN.
- Menezes, A. B. (2006). **Ética e modernidade: a dimensão da autonomia em Michel Foucault.** In: A. B. Menezes, *Ética, Bioética: diálogos interdisciplinares.* Natal: EDUFRN.

BIBLIOGRÁFICA

ANDREW, J. Dudley. **As Principais Teorias do Cinema: uma introdução**. Trad. Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1989.

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Trad. Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Papirus, 1993.

BAZIN, André. **O Cinema**. Trad. Heloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BAZIN, André. **O Cinema da Crueldade**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: LIMA, Luis Costa (Org.). **Teoria da Cultura de Massa**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BOGDANOVICH, Peter. **Afinal, Quem Faz os Filmes**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A Linguagem Secreta do Cinema**. Trad. Fernando Albagli, Benjamin Albagli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

CARRINGER, Robert L. **Cidadão Kane**. *O making of*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

COSTA, Antônio. **Compreender o cinema**. Trad. Nilson Moulin Louzado. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

FERREIRA, Jairo. **Cinema de Invenção**. São Paulo: Max Limonad/EMBRAFILME, 1986.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto alegre: Tchê, 1987. Disponível em <<http://www.adelmo.com.br>>. Acesso em: 10/11/2014

GOMES, Wilson. As Estratégias de Produção de Encanto: o alcance contemporâneo da poética 154 de Aristóteles. **Textos de Cultura e Comunicação**, Salvador, n. 35, jul. 1996.

GRÜNEWALD, José Lino. **Um filme é um filme. O cinema de vanguarda dos anos 60**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

HABERMAS, Jürgen. **A ética da discussão e a questão da verdade**. São Paulo: Martins fontes, 2007.

METZ, Christian. **A significação do cinema**. Tradução de Jean-Claude Bernardet. São Paulo: Perspectiva, 2010.